

Elogio da insensatez ou contra a corrente

Pessoas que pareciam ter um destino traçado fogem do caminho convencional e constroem identidades indo contra a corrente.

ANDRÉ ZAHAR, FABIANA COUTINHO, LUISA BELCHIOR E RENATO GRANDELLE



Segundo o dramaturgo irlandês George Bernard Shaw (1856-1950), só há dois tipos de homem: os sensatos e os insensatos. “O homem sensato se adapta ao mundo, enquanto o insensato tenta adaptar o mundo a ele. Por isso, todo o progresso depende do insensato”, disse. Basta uma consulta breve aos livros de história para encontrar exemplos que confirmam a citação. De Buda e Che Guevara a ilustres desconhecidos, é incalculável o número de pessoas que, em diversas áreas, conseguiram surpreender e influenciar gerações se negando a corresponder às expectativas alheias. São representantes atuais dos “insensatos” um deficiente visual que ensina informática, um tetraplégico que pinta com a boca e uma deputada liberal filha de um notório conservador. Trajetórias como essas e o testemunho de especialistas e da história comprovam que nem sempre ir contra a corrente significa uma onda na cara.

Filha de peixe, peixinho nem sempre é

Em março de 2005, um grupo de homossexuais foi à Câmara dos Deputados solicitar ao seu presidente, Severino Cavalcanti – conhecido pelo seu conservadorismo político – que estudasse a união civil de indivíduos do mesmo sexo. Entre os simpaticistas da causa presentes na manifestação, uma mulher se destacou. Era a deputada estadual Ana Cavalcanti (PP-PE), filha de Severino, que apóia causas liberais como essa e as pesquisas com células-tronco. “Quando entrei na vida política, as pes-



Ana Cavalcanti, filha do presidente da Câmara, não puxou ao pai em matéria de política.

soas achavam que era seguidora de todas as idéias do meu pai. Aos poucos, foram percebendo minha independência em relação a ele, embora ainda o tenha como exemplo”, conta.

Apesar de ter opiniões políticas contrárias às do pai, Ana tem uma boa relação com ele. “Funcionamos na base do diálogo. Em alguns pontos ele acaba me convencendo de que está certo. Às vezes sou eu que ganho, como quando meu pai recebeu os homossexuais no gabinete dele”.

Essa rebeldia com causa, segundo a psicóloga Elizabeth Hermanson, é explicável. “Nas famílias,

existe um padrão de comportamento já estabelecido, então algumas pessoas que não se identificam com essa vigência precisam criar uma alternativa para a sua própria sobrevivência”, esclarece, e completa: “quanto mais rígida é a educação familiar, maior é a tendência de a pessoa radicalizar”.

Ana atribui parte de sua inspiração liberal ao fato de ser terapeuta ocupacional. “Nesta carreira, trabalhamos com as potencialidades do ser humano, lidamos com o diferente, o especial. Assim, percebemos melhor a necessidade de algumas pessoas em serem aceitas na sociedade”, explica. Mesmo fazendo questão de afirmar algumas afinidades ideológicas com o pai, a deputada reconhece que as diferenças entre os dois chamam mais atenção, contribuindo até para determinar tratamentos diferenciados por parte da imprensa.

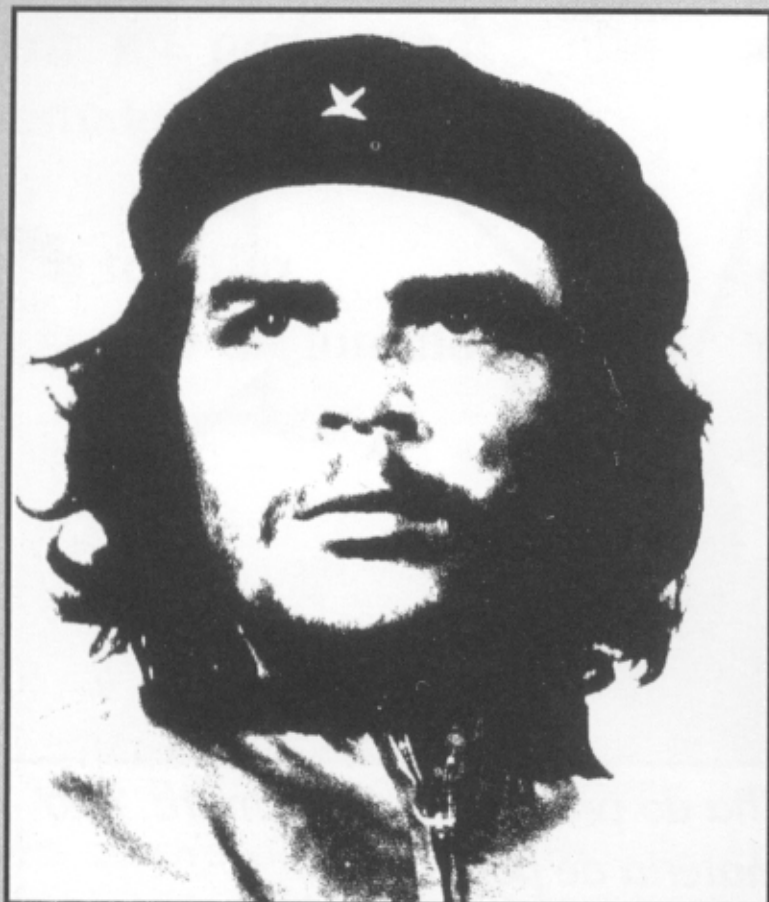
**“A identidade não é,
nem nunca foi uma
camisa de força”**

Roberto Veiga, antropólogo

“Sempre tive uma relação muito positiva com os meios de comunicação. Minhas falas têm princípio, meio e fim. Com meu pai, porém, é diferente. Os jornalistas pegam muito frases soltas, que fazem estrago se são retiradas do contexto”, protesta.

A arte de ser autêntico

Os comportamentos que apresentam desvios, no entanto, não se restringem aos campos da família e da política. As artes também são fartas em histórias de rupturas. Pablo Picasso, no século XIX, e Salvador Dalí, no século XX, freqüentaram escolas de Belas Artes na Espanha antes de imprimir um tom mais autoral e de vanguarda às suas obras. Caso semelhante é o de Francisco Goya (ver box), pintor oficial da corte espanhola no século XVIII que se tornou um fervoroso liberal e fez da arte um



Che Guevara

O argentino Ernesto Guevara da la Serna tem uma das mais famosas histórias de mudança de trajetória. O revolucionário, que morreu lutando contra a desigualdade social na América Latina, pertencia a uma família de classe média alta e, até os 30 anos, parecia determinado a seguir a carreira de médico. A vida de Che, como era conhecido, mudou a partir de uma

Contra a corrente, mas sem perder a ternura

viagem de moto que fez logo após se formar, junto com o colega Alberto Granado, durante a qual passou pela Argentina, Chile, Peru, Colômbia e Venezuela.

Durante a odisséia de um ano pelos países latino-americanos, ele conheceu *in loco* a vida miserável dos povos da região. A experiência representou um rito de passagem na trajetória de Guevara e desencadeou a sua transformação em guerrilheiro comunista. Ele mesmo diria posteriormente que o “vagar sem rumo pelos caminhos de nossa Maiúscula América me transformou mais do que eu me dei conta”.

Menos de cinco anos depois, Che estaria sendo nomeado diretor do Banco Nacional de Cuba por Fidel Castro, líder revolucionário cuja confiança conquis-

tara na luta contra a ditadura de Fulgêncio Batista entre 1956 e 1959. A carreira de político, porém, não era sua vocação. Em 1965, abandonou os cargos que ocupava no governo socialista de Cuba para se engajar na linha de frente da guerrilha no Congo. Um ano depois, disposto a criar “vinte Vietnãs” na América Latina, entrou disfarçado na Bolívia, onde, após 11 meses de luta, foi capturado e assassinado por ordem do presidente Barrientos.

Em texto posterior à morte do filho, o pai de Che, Ernesto Guevara Lynch, admite que “havia coisas sobre ele que eu não conseguia penetrar” e que “só bem depois, em suas cartas, passamos a entender que seguia um verdadeiro impulso missionário, que não o abandonaria jamais”.



Obra de Marcelo Cunha, artista que pinta usando a boca

panfleto contra as arbitrariedades de quem detinha o poder.

O artista brasileiro Marcelo Cunha, de 39 anos, também encontrou uma maneira de contrariar as expectativas sociais. Suas telas, bem executadas tecnicamente, não explicitam nenhuma rebeldia. E nem mesmo nos deixam imaginar que suas criações são todas executadas com os pés e com a boca. Há 14 anos, Marcelo sofreu um acidente em uma cachoeira que o deixou tetraplégico.

Durante cerca de três anos, ele quase não saiu de casa – o que habitualmente se espera de alguém nessa condição. “Quando ando na rua, as pessoas ainda me olham com olhar de pena. Eu rio e até entendo, porque sei que vêm de uma herança de pensamento na qual os deficientes não podem produzir coisas”, comenta Marcelo, que é membro da Associação Mundial de Pintores de Pé e Boca, com sede na Suíça. Na opinião dele, o deficiente físico

não deve desanimar diante das limitações de seu corpo: “Ter um problema pode ser um privilégio. É uma oportunidade de crescer”.

O antropólogo José Carlos Rodrigues vê na experiência de Marcelo uma mudança de identidade. Segundo Rodrigues, ele “abandonou a identidade de tetraplégico” para assumir “uma identidade de artista deficiente”. Outro antropólogo, Roberto Veiga faz coro com o colega de trabalho e critica o que chama de “visão fundamentalista de identidade”. “A identidade não é, nem nunca foi uma camisa de força. Deve-se descartar qualquer visão deste conceito como um conteúdo fixo, atemporal, imutável. Identidade é um processo de construção, desconstrução e reconstrução”, resume.

Duzentas vidas e um site

O *webdesigner* Marco Antônio Queiroz, que é deficiente visual, deixou de lado uma imagem pejora-

tiva para assumi-la como nova identidade. Não faltaram ocasiões para que pudesse desistir de ter uma vida normal. Como conta em sua autobiografia, *Sopro no corpo*, lançada pela editora Rocco, a diabetes o levou a fazer um transplante renal – ele emagrecia até cinco quilos por semana vomitando –, a ter impotência sexual e a perder a visão, que chegou a recuperar temporariamente graças a um tratamento feito na Espanha, tornando-se cego definitivamente três meses depois.

Mesmo com tantos problemas, Marco não fica trancado em seu apartamento, no bairro de Botafogo. Ele é um dos principais porta-vozes brasileiros na luta pela inclusão digital dos portadores de deficiência. Há cinco anos, MAQ, como é conhecido na internet, mantém o *site* Bengala Legal (www.bengalalegal.com.br), relacionado à cegueira. “A idéia foi de um estagiário da empresa

onde trabalhava. Perguntei sobre o que poderia escrever e ele respondeu que, com a vida que eu tive, teria feito dez *sites*”, conta ele. De página pessoal a diário coletivo, a trajetória foi curta. Hoje, o Bengala Legal tem no acervo mais de 200 depoimentos de deficientes visuais. O sucesso é tanto que surgiu uma versão em espanhol, o El Bastón.

Para incentivar o surgimento de outras publicações virtuais, MAQ começou a dar aulas de HTML, linguagem utilizada para a construção de *sites*, para outros cegos. “Quero ensinar acessibilidade aos *webdesigners* e aos *webmasters*”, assinala, e ressalta que, com pequenas mudanças na formatação da página, um *site* pode ser “lido” por um deficiente visual. Existem *softwares* que traduzem a linguagem da página para HTML. Se o internauta com deficiência visual dominar este código, poderá acessar o conteúdo do *site*.

Francisco José de Goya Y Lucientes

Precursor de importantes correntes da arte moderna, o espanhol Francisco José de Goya y Lucientes foi tão transgressor em seus quadros como em seu posicionamento político, na virada do século XVIII para o XIX. Ironicamente, os primeiros trabalhos do artista retratam de forma bem comportada a vida na corte. O quadro *Cristo na cruz* deu a ele o direito de ingressar na Real Academia de São Francisco de Madrid, em 1780.

Com pinturas que mostravam elegância em poses convencionais, ao ser empossado pintor do Rei Carlos III, Goya passou a ser o artista mais bem sucedido de todo o país. Esse período ter-

minou em 1808, quando a França invadiu o território espanhol. De 1792 a 1793, o pintor adoeceu e ficou surdo em uma viagem a Andaluzia, no Sul da Espanha. A enfermidade o levou a um momento de profunda reflexão sobre as suas próprias pinturas e a sociedade da época.

Em 1809, José Bonaparte foi nomeado rei da Espanha pelo irmão Napoleão, imperador da França, e Goya jurou fidelidade ao novo rei espanhol. No entanto, em 1814 o pintor começou a se desligar do imperador. Neste período ele apresentou os primeiros testemunhos de sua insatisfação com o governo. Foi quando Goya pintou *O dois de maio de 1808* ou a *Carga dos mamelucos* e *Os fuzilamentos da Moncloa*, quadros que representavam a luta do povo espanhol e a resistência contra Napoleão Bonaparte.

No ano de 1814, o Rei Fernando VII tomou posse do reinado, trazendo esperança aos espanhóis.



Francisco Goya (1746-1828)



A Carga dos Mamelucos

Em pouco tempo, no entanto, o novo líder se mostrou tirano e passou a perseguir os liberais que o apoiaram, entre eles Goya. O pintor foi acusado de obscenidade pela Inquisição por causa das pinturas *Maja*. Depois disso, pintou também retratos de Fernando VII, nos quais revelou a personalidade bárbara do rei.